

A CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS
NOS TERRITÓRIOS DE IMIGRAÇÃO:
OS IMIGRANTES GERMÂNICOS E SEUS DESCENDENTES
EM CURITIBA (BRASIL) NA VIRADA DO SÉCULO XX¹

*The Constitution of the National Identities in the Territories
of Immigration: Immigrants and Their Descendants
in Germanic Curitiba (Brazil) at the End of the XXth Century*

Sergio ODILON NADALIN*

Fecha de recepción: noviembre del 2011

Fecha de aceptación y versión final: septiembre del 2012

RESUMO: O presente artigo considera a contradição *jus sanguinis* versus *jus solis*. De uma parte, o fato de que o processo imigratório e a integração do estrangeiro na sociedade brasileira foram caracterizados pela postura dos defensores do direito de sangue, notável, por exemplo, na construção de uma ideologia teuto-brasileira, fundada na „teuto-brasilianidade” – o *Deutschbrasilianertum*.

De outra parte, o embate foi demarcado pelos ideólogos de uma nacionalidade e cidadania brasileiras alicerçadas no direito de solo. Num panorama bem amplo, o contexto é o da “Grande Imigração” (1850 a 1939); entretanto, se destaca o período compreendido pelas décadas de 1890-1900-1910. A partir das indicações fornecidas pelas memórias de um imigrante e utilizando como fontes registros de batismo de uma comunidade luterana, o objetivo deste artigo é ensaiar análises fundamentadas nos processos de nomeação em três gerações de “teuto-brasileiros”, tendo como fonte os registros de batismo da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.

PALAVRAS CHAVES: teuto-brasilianidade, imigração, comunidade luterana, Comunidade Evangélica de Curitiba.

ABSTRACT: This article considers the contradiction between *jus sanguinis* and *jus solis*. On the one hand, the fact that the process of immigration and integration of the foreigners in Brazilian society was characterized by the position of the defenders of the right of blood, important, for example, for the construction of a German-Brazilian ideology, founded on “German-Brazilianness” – or *Deutschbrasilianertum*.

On the other hand, the clash was marked by the ideologues of one nationality and Brazilian citizenship grounded in the right of soil. In a very broad overview, context is the “Great Migration” (1850-1939), however, with particular attention given to

¹ Texto apresentado no XVI Congresso Ahila, 2011, Simpósio 28 – Região, Integração e Fronteira na Construção da Identidade Nacional dos Estados na América do Sul, San Fernando, 6-9 de setembro de 2011.

* Sergio Odilon Nadalin – Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil, e Pesquisador-bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

the period of 1890-1900-1910. Basing on the memoirs of an immigrant and using as sources baptismal records of a Lutheran community in Curitiba. This article analyzes the processes of name-giving of three generations of “German-Brazilians”.

KEYWORDS: German-Brazilianness, immigration, Lutheran Community, Evangelical Community of Curitiba.

I INTRODUÇÃO

Os historiadores conhecem a importância assumida pela documentação das paróquias de diversas confissões religiosas, tais como os livros de batismos, casamentos e óbitos. No que me toca, tenho explorado a fundo – inclusive reconstituindo famílias – as possibilidades de séries praticamente completas formadas a partir dos livros que fazem parte do acervo de uma paróquia de confissão evangélica luterana, congregando imigrantes de origem germânica e seus descendentes em Curitiba desde 1866.

Foi assim que, há tempos, calculei a percentagem de endogamia ocorrida na Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, que se manteve, no período de 1870 a 1939, em torno de 87%. Em especial, observei a que, no período concernente às décadas de 1890, 1900 e 1910, essa endogamia beirava praticamente um número absoluto de casamentos (Nadalin, 1974: 74-84; 164-184).

Decorrem daí algumas questões, uma vez que é contínua, durante todo o período, a imigração alemã e seu peso político-cultural, mormente no Sul do país. Haveria relação entre a endogamia concentrada na virada do século XX em Curitiba com uma conjuntura dominada pelos debates a respeito das questões assimilacionistas que estavam ocorrendo no Brasil, à sombra da influência dos pangermanistas? Até que ponto a endogamia refletia um retraimento étnico na comunidade, também influenciado pelos acontecimentos que se desenvolviam na direção da Primeira Grande Guerra?

Concordando com as críticas de Emilio Willems, registradas já há bastante tempo, a respeito da utilização do casamento como indicador de „assimilação” (1980: 322), será que as fontes paroquiais permitiriam inquirições buscando outras pistas relativas ao comportamento étnico e (ou) cultural da referida comunidade? É nessa direção que tenho desenvolvido a problemática relacionada aos nomes de batismo, que também intento desenvolver neste texto².

Assim sendo, o presente artigo pretende discutir, de uma forma ainda ensaística e preliminar (mesmo porque, as cifras a serem analisadas são estatisticamente pouco representativas), as possibilidades de utilização da *origem* e proveniência dos

² Nadalin, 1978: 179-198; 2007; 2009; 2010a; Mercer & Nadalin, 2008.

preenomes. Os quadros da pesquisa foram construídos a partir das informações colhidas de fichas de família³ de três gerações de descendentes de Christian August e Christina Friederike Strobel, imigrantes oriundos da Saxônia alemã na década de 1850; os seus descendentes foram, praticamente todos, membros da comunidade luterana em Curitiba.

Ao se privilegiar o estudo do „grupo”, Green menciona uma metodologia que considera a temporalidade fundada na longa duração, que veicula um processo de assimilação, como também uma média duração, relativa a questões étnicas (2008: 33-34). Inspirado no mesmo autor, diria, entretanto, que é necessário também vislumbrar as temporalidades inerentes às gerações e aos ciclos vitais dos indivíduos observados para análise, temporalidades que se superpõem na perspectiva de cortes transversais no tempo. Foi assim que a pesquisa foi construída, sobrepondo-se gerações dos filhos, netos e bisnetos de Christian August e Friederike Christina. Finalmente, recortes temporais que, como já foi mencionado, devem atentar para a conjuntura étnica cuja análise deve ser priorizada, e que tem como balizas os anos de 1890 e de 1919: cronologicamente, diria que é a segunda geração (cujo primeiro batizado é de 1899 e o último de 1926) que melhor cabe dentro destas balizas.

Temporalidades que, é evidente, também concernem aos contatos culturais que o grupo desenvolve ao agregar imigrantes alemães e descendentes. Tais relações repercutiram na comunidade de maneira diversa, até mesmo na escolha do prenome como um sinal ou signo, compondo um dos „traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade” (Barth, 1998: 194)⁴. “Identidade” que constitui a percepção que cada um tem de outrem, identidade que estabelece, portanto, a “diferença” (Zonabend, 1984: 23).

É assim que construí as hipóteses de trabalho, fundamentadas na ideia de que os nomes pessoais referem-se a uma identidade cultural – no caso em evidência, uma identidade que tenderia a uma „etnoculturalidade”, na qual incluiria especialmente o uso da língua. Do ponto de vista metodológico, tal abordagem levou à construção das categorias de nomes de batismo, acima mencionadas, objetivando compreender a dinâmica das fronteiras étnicas (Barth, 1998: 195-197) edificadas pelo grupo, no interior das quais a linhagem Strobel, e muitas outras, se inserem.

É útil lembrar, ainda, que cada prenome possuiria uma coloração psíquica particular, evocando, para quem o atribui – no caso desta pesquisa, os filhos, netos e bisnetos do casal imigrante Christian August e Christine Friederike Strobel, reminiscências culturais e pessoais que extrapolariam seu significado original (Zona-

³ Fichas incluindo informações obtidas de registros paroquiais, tais como preconizados pelos historiadores demógrafos.

⁴ Ou, apropriando-me livremente de outra menção, o prenome constitui um bem cujo consumo é, simultaneamente, gratuito e obrigatório, sendo, em especial no grupo étnico, função de identificação e de distinção próprias a este consumo (Schnnaper, 1984: 14; Besnard, 1984: 58).

bend, 1984: 25). Essa coloração psíquica particular, essas reminiscências culturais e pessoais, eu remeteria ao inconsciente coletivo⁵ ou, talvez melhor, às estruturas mentais.⁶ No caso de imigrantes e seus descendentes, essas estruturas poderiam se manter numa duração relativamente longa, apesar das pressões da sociedade hospedeira, até se desfazerem completamente, ou quase completamente, tendo em vista as tendências assimilacionistas do grupo.

Em consequência, um processo de assimilação é caracterizado pelo lento desgaste das estruturas que sustentam a formatação de um grupo (etno)cultural. Refletindo sobre a questão, eu diria que cada geração articula dialeticamente os componentes estruturais à situação concreta vivenciada pelos indivíduos nas diversas fases dos seus ciclos vitais. Em outras palavras, e retomando o tema da nomenclatura, cada geração de descendentes do casal imigrante fundador da linhagem Strobel em Curitiba identificará seus filhos por ocasião do batismo em função da solidez das fronteiras culturais e, eventualmente, das fronteiras étnicas, que os separam da sociedade curitibana. Eu relaciono esta premissa ao fato de que um nome, além de outras considerações, também é escolhido em função das estruturas mentais que fundamentam a vida social dos pais da criança.

É desse modo que os quadros para a investigação, e as tabelas resultantes apresentadas neste trabalho foram construídos. Na medida em que os objetivos da pesquisa incluem conhecer as origens relativamente distantes dos nomes dos indivíduos, os quadros e as tabelas foram construídos com dupla entrada.

II. OS FILHOS DE CHRISTIAN AUGUST E CHRISTINA FRIEDERIKE STROBEL

Aujourd'hui les prénoms sont choisis et connus longtemps avant la naissance de l'enfant. Le choix en revient aux parents et ceux-ci comprendraient mal qu'on veuille les priver d'une liberté qu'ils considèrent en effet comme un droit. Nos contemporains recherchent pour leurs enfants le prénoms rare ou celui dont la consonance leur paraît élégante; mais en voulant se distinguer, ils tombent en réalité dans la plus parfait conformisme puisqu'ils ne font que répercuter la mode du moment. Il en allait tout autrement aux siècles passés, où "le désir d'individualiser l'enfant par un prénom original s'effaçait devant les impératifs de la filiation", devant la nécessité de transmettre

⁵ "(...) o que é o inconsciente coletivo? Seria, certamente, mais adequado falar de não-consciente, no seu conjunto e num momento dado. E *não-consciente* porque imperfeitamente compreendido ou mesmo ignorado pelos contemporâneos, a quem aparece como um facto adquirido, situado no âmbito dos dados imutáveis da natureza. É o domínio das idéias feitas e das idéias em voga, dos lugares-comuns, dos códigos da conveniência e da moral, dos conformismos e dos interditos, das expressões aceites, impostas ou rejeitadas, dos sentimentos e dos fantasmas" (Ariès, 1990: 479).

⁶ "Conjunto dos traços coerentes e rigorosos de uma totalidade psíquica que, se impõe aos homens de uma época, sem que eles disso tenham consciência" (Ariès, 1990: 479).

de génération en génération les biens réels et symboliques de la lignée; et le prénom jouait un rôle essentiel dans le patrimoine transmissible (Gélis, 1984: 538)⁷.

Christian August desembarcou com sua família em 1854, no porto de São Francisco⁸, com a finalidade de se juntar aos colonos de Dona Francisca (hoje Município de Joinville). Acompanhavam-no, pois, além da mulher Christine Friederike (née Herold), a filha mais velha, Emilie Bertha (01/09/1846), e os meninos Gustav Hermann (01/07/1851), e Emil Robert (1853).

Refletindo a respeito dos nomes de batismo acima relacionados, não sei até que ponto foram eles atribuídos, como sintetiza Gélis, segundo “os imperativos da filiação”, ou considerando “a necessidade de transmitir de geração em geração os bens reais e simbólicos da linhagem”; ou, mesmo se, de fato, os prenomes acima referidos „exerciam um papel essencial no patrimônio transmissível”. Sem dúvida, as crianças foram identificadas segundo inspiração na comunidade familiar original⁹, não havendo motivo para se pensar em uma interferência étnica na escolha dos nomes. Sem subestimar as interferências da moda, quiçá seja possível indicar que, em última instância, deveria ter intervindo na escolha a “família” – e aqui estou me reportando ao seu sentido mais amplo, o que incluiria a “família espiritual”, padrinhos e madrinhas (Burguière, 1984: 29-35).

Não é possível ir muito longe nessas especulações. Provavelmente, a designação dos três primeiros filhos resultou de uma determinada relação desenvolvida na comunidade na qual o casal estava inserido antes da emigração num ambiente de difusão cultural próprio ao seu meio. Com efeito, é fácil identificar Emilie Bertha, Gustav Hermann ou Emil Robert como partes de um estoque de nomes largamente conhecido, o que é comprovado pelas listagens recuperadas na web para as denominações favoritas na Alemanha. Destacando o período 1890 e 1919, verifiquei que os

⁷ Traduzindo: Hoje em dia os nomes são escolhidos e conhecidos muito tempo antes do nascimento da criança. A escolha do nome pertence aos pais e seria difícil para eles entender que essa liberdade de escolha que consideram como um direito pudesse lhes escapar. Nossos contemporâneos procuram para os filhos os nomes incomuns ou aqueles que lhes soem elegantes. Porém, nessa busca pelo diferente, na verdade, eles são verdadeiramente conformistas, pois eles só refletem a moda do momento. Era bem diferente nos séculos passados quando „o desejo de individualizar a criança por meio de um nome original desaparecia frente aos imperativos da filiação”, perante a necessidade de transmitir de geração em geração os bens materiais e simbólicos da linhagem; e o nome desempenhava um papel fundamental no patrimônio transmissível.

⁸ No norte da Província de Santa Catarina, próximo à fronteira com o Paraná.

⁹ No estoque alemão, *Emilie* é a forma feminina de *Emil*, de origem latina (não confundir com o nome francês *Emilie*, com vertentes inglesas *Emily* e *Emely*). *Bertha*, de origem alemã (Alta Idade Média). *Gustav*, de origem sueca. *Hermann*, origem alemã (Alta Idade Média). *Emil*, da origem latina *Aemilius*. *Robert*, origem alemã (Alta Idade Média) (Guérios, 1981: 110, 72, 137, 142, 212, respectivamente).

mencionados prenomes mantêm-se, em quase todos os anos, no topo das preferências¹⁰.

Entretanto, para os problemas que estão sendo colocados, acredito que, ao optar por um nome de batismo, os pais de uma criança são ou estão influenciados por uma determinada herança e pelo inconsciente (ou não-consciente) coletivo; de uma ou outra forma, os nomes são emprestados de um estoque cultural, e a maneira de grafá-los refere-se à língua falada e escrita. Portanto, Emil ou Emílio, Gustav ou Gustavo são versões diferentes de nomes usuais na nossa cultura ocidental, e que compõem, mesmo, parte de listagens atuais conhecidas na própria Alemanha¹¹.

Nesses termos, se não for por motivos muito pessoais, um alemão chamará o seu filho de Emil ou Gustav, o que é coerente com o seu idioma. Todavia, se imigrante instalado numa sociedade cuja língua oficial é o português, poderá registrar no cartório o nome Emílio ou Gustavo; por motivos vários, resultado da influência da sociedade hospedeira. Mas o fato predominante é que, apesar de registrado dessa forma, acredito que será chamado, em casa, e em função da língua doméstica, de Emil ou de Gustav. É evidente que, numa comunidade religiosa onde a liturgia e a prédica são realizadas em alemão, é muito provável que o prenome registrado no livro de batismo será o mesmo utilizado pelo pastor no momento ritual: ainda, Emil ou Gustav. Daí a importância dessa fonte para se medir não só a influência da sociedade receptora, mas também da própria língua priorizada no âmbito familiar.

Por outro lado, voltando ao caso mais concreto – e refletindo a partir dos aspectos acima discutidos –, é possível acreditar que, pela forma de grafá-los, os nomes escolhidos por Christian e Christine para as três filhas que nasceram em Curitiba talvez traduzissem a nova situação de imigração, característica de uma história muito original. Com efeito, nesse caso em especial, seria possível imaginar que nossos atores estivessem realizando algumas concessões, em relação à identificação das crianças no momento do batismo?

Vejam os casos da primeira filha curitibana, Maria (08/07/1855). Tanto na sua forma latina (de origem hebraica, Miriam, Mirjam) como na germanizada (Marie)¹², era um prenome recorrentemente empregado pelos povos de idioma alemão, e disso não escapou a própria comunidade de imigrantes e descendentes

¹⁰ Recuperado em janeiro de 2011, de www.beliepte-vornamen.de. As referidas informações inexistem para o período anterior a 1890.

¹¹ *Emilio*, por exemplo, está na mesma lista que *Emil*, entre 214 nomes de meninos iniciados por 'E', conhecidos na Alemanha, junto com *Eicke*, *Edik*, *Eyk*, *Evangelos*, *Eyyup*, *Elsayed*, *Ehler* e outros. Do mesmo modo, *Gustavo*, também como *Gustav*, está entre 207 nomes iniciados com 'G', juntamente com *Ghassem*, *Gürbüz*, *Gernot*, *Guillermo*, *Gaston*, *Ghodratollah*, *Gürol*, *Gavin*, *Gennadi*, *Giyasettin*, *Gösta*, *Gunner*, *Giuseppe*, *Giancarlo*, *Grischa*... (Ver a ferramenta em: <http://www.beliepte-vornamen.de/suche.htm>).

¹² A forma *Marien* não foi registrada entre os luteranos em Curitiba.

organizados em Curitiba¹³. Entretanto, talvez seja mais do que coincidência o fato de o casal ter designado a primeira filha nascida no Brasil – simplesmente, sem combinação com outros – por um nome que tem um componente, digamos, universal. Seria o manifesto de uma concessão ao sistema de registro de batismo católico, ou o signo de uma abertura à própria comunidade luso-brasileira?¹⁴ O fato é que à Maria segue-se Anna¹⁵, outro nome que, em português, podia ser grafado da mesma forma (como também em inglês, em francês, em espanhol...). Também um nome de origem hebraica (Hannah), e comumente utilizado de modo combinado, como inclusive seria o caso (Anna Luíza, 07/12/1859). Finalmente, é possível acreditar que a forma portuguesa Luíza arrolada nos registros da paróquia católica teria sido utilizada como Louise¹⁶, se a criança tivesse sido batizada na Igreja Luterana – e não se pode mesmo deixar de lado a hipótese de que a menina fosse assim chamada no espaço doméstico e privado¹⁷. De qualquer forma, um alemão pronunciaria Maria, Ana ou Luíza de modo diferente do que um brasileiro: ou seja, estes prenomes podem ser perfeitamente coerentes, seja com o idioma alemão, seja com o português¹⁸.

III AS GERAÇÕES SUBSEQUENTES: ATRIBUIÇÃO DOS NOMES DE BATISMO

Não se sabe exatamente quando, mas provavelmente por volta da virada do século XX, Gustav Hermann Strobel escreveu suas memórias, cuja tradução foi publicada em 1987. Dentre vários temas, contou a história do seu pai e da imigração; sobre sua juventude, é possível a leitura de que ele e seus irmãos cresceram e foram

¹³ *Maria* (junto com a forma *Marie*) é, de longe, o prenome de batismo mais utilizado pelos luteranos em Curitiba, seja isoladamente, seja compondo combinações de nomes. Entre 1866 e 1987 contabilizei 459 crianças com esse nome. É justamente a propósito do exemplo *Maria* que Dominique Schnapper alerta que nem sempre tal escolha resulta de uma crescente influência da Igreja (católica), pois outras causas podem intervir na escolha (1984: 14).

¹⁴ Nessa direção, diria que Jean Roche estava bastante enganado, ao concluir que a utilização do prenome (*Maria*) resultaria de „uma influência bem brasileira” (1968: 288).

¹⁵ *Anna* é de origem hebraica e tem formas portuguesas, francesas, espanholas, inglesas.

¹⁶ *Luíza* é a forma feminina de *Luiz*, *Luis*, cuja origem germânica é *Ludwig* (Guérios, 1981: 165). *Louise*, como muitos nomes femininos do estoque germânico, resulta da muito comum influência francesa na nomeação.

¹⁷ A experiência com a reconstituição de família mostra que, em muitos casos, o nome que originaliza a biografia de um indivíduo não é, numa determinada combinação, necessariamente o primeiro. Quando adulto, *Emil Robert* era conhecido simplesmente como *Robert Strobel* e seu irmão, *Gustav Hermann*, também pelo segundo prenome.

¹⁸ Observo que, conforme a ata de batismo encontrada em São José dos Pinhais, a ultimogênita (nascida em 17/11/1861), foi registrada como *Fani* (forma „aportuguesada” grafada em ata de batismo na Vila de São José dos Pinhais) – *Fanny*, nome familiar e carinhoso de origem inglesa, mas de largo uso entre os alemães.

educados num meio „imigrante”, mas em contato frequente e muito amigável com os „brasileiros”. Foi dessa maneira, inclusive, que seu pai conseguiu estabelecer-se como carpinteiro, adquirindo certo renome na região de Curitiba (Machado, 1998). Porém, a leitura do seu texto permite inferir que, à medida que ele e seus irmãos tornaram-se adultos, essa interação foi nuançada pela gradativa integração da família ao grupo social constituído pelos alemães, núcleo de uma comunidade étnica em construção (Nadalin, 2009).

O memorialista nada informou a respeito do seu casamento e dos filhos que teve, mas a documentação paroquial testemunha que, aos 23 anos, casou-se com uma paroquiana também de origem alemã – aliás, todos os seus irmãos e irmãs também se casaram no interior do grupo – na igreja da Deutsche Evangelische Gemeinde, com rito nupcial muito provavelmente conduzido em língua alemã.

Nada permite supor, na documentação disponível que testemunha sua integração social e econômica na sociedade brasileira, evidências de um sentimento étnico entre sua juventude e a maturidade. Todavia, muitas passagens no mesmo texto de suas memórias mostram que, por volta dos seus 50 anos de idade, uma consciência nessa direção estava bem estruturada (Nadalin, 2009).

O texto também me permite imaginar o contexto da primeira geração da linhagem Strobel. Num primeiro momento, tal como os seus pais e sem dúvida em função da experiência deles, os filhos do casal fundador estavam ainda marcados pela aventura da imigração: foram educados num meio em que o casal Strobel teve de reconstruir suas relações com a sociedade que deixou para trás, tendo em vista a natureza dos contatos que começaram a estabelecer com vários curitibanos; em função, de modo igual, do confronto com as novas oportunidades geradas por um ambiente diverso. Assim sendo, ao emigrar, o casal fundador cortou, efetivamente, muitos laços que o unia à sociedade “emissora” – mantendo com ela, é sempre necessário frisar, ligações simbólicas e afetivas. Desligado fisicamente da comunidade original, estabeleceu novas relações, seja com “compatriotas”¹⁹, seja com membros da sociedade curitibana, reavaliando a orientação de seus valores fundamentais e os sinais por meio dos quais se identificavam. Importa salientar que foi no contexto inicial de um novo mundo de trabalho que construíram e do processo de inserção numa sociedade diferente daquela de onde eram originários, que os filhos mais velhos começaram a aprender português, no âmbito de uma realidade às vezes bastante difícil. Ou seja, a primeira fase do ciclo vital dos filhos de Christian e Christine foi marcada, no principal para os mais velhos do que para as ultimogênicas, pelas necessidades da sobrevivência, o que exigia mecanismos de adaptação. Não havia, ainda nesse momento, uma vivência de grupo suficiente para que mecanismos étnicos fossem acionados.

¹⁹ As aspas são necessárias, considerando as diversas origens culturais e, mesmo, sociais, dos imigrantes (Nadalin, 2000: 88-89).

IV OS NOMES DE BATISMOS ATRIBUÍDOS PELOS DESCENDENTES DE AUGUST STROBEL

Penso que, nesse contexto, seria com naturalidade que, nos lares fundados por Gustav Hermann e seus irmãos, se falasse a língua alemã. Se assim era, explica-se como a maioria dos nomes escolhidos no batismo dos netos de Christian Strobel era facilmente articulada no idioma²⁰. Parece-me que essa é uma questão importante a ser considerada, pois, mesmo bilíngues, é evidente que os nomes germânicos “latinizados” tenderiam a não se coadunar com a língua falada em casa, durante a época coberta por essa geração.

Assim, abstraindo pressões étnicas, diria que foi em virtude da influência cultural e do idioma que os filhos, netos e bisnetos do casal fundador receberam nomes que eram facilmente articulados em alemão²¹. Durante o desenrolar da pesquisa observou-se que todos os 23 nomes utilizados para identificar os meninos, nesta geração, eram do “estoque imigrante”²², com uma exceção. E é dessa forma, afinal, que se explica que 50% dos nomes utilizados são originados do alto-alemão e quase todos de origem medieval (ver tabela 1). Em relação às meninas, o conjunto das crianças foi identificado por prenomes oriundos do estoque imigrante. Mas, existe uma diferença em relação às crianças do sexo masculino. Se, entre estes, é praticamente absoluta a origem medieval dos prenomes, para elas seus pais escolheram, por vezes, prenomes mais modernos, como mostra também a tabela 2. De modo igual é muito clara, na mesma tabela, a maior diversidade de prenomes utilizados para as netas do casal fundador. Se, entre os meninos, a concentração de prenomes originários do alto-alemão e de nomes latinos germanizados é de 83% (30, para um total de 36), a pulverização dos nomes femininos em função da origem vai num sentido contrário, numa proporção de 73% (16, para 22 nomes).

²⁰ Os diversos quadros utilizados na pesquisa, e não anexados a este artigo pelas limitações de espaço, resultam do arrolamento de todos os nomes de batismo que estão sendo analisados neste trabalho. Esclareço que as “origens” ordenadas convenientemente foram determinadas com auxílio de dicionários (Guérios, 1981), do trabalho realizado há tempos por Fontes (1950) e, finalmente, com a ajuda do site www.beliebtevoornamen.de.

²¹ Não entra nesses pressupostos o fato de que, no domínio público, essas crianças teriam sido registradas no Cartório com prenomes vertidos, quando possível; da mesma forma que, na sociedade maior, nas atividades profissionais, fossem conhecidos pelos seus nomes “abrasileirados”.

²² Por “estoque imigrante” estou entendendo que se trata do repertório de prenomes que fazia parte do universo cultural dos imigrantes que chegaram principalmente na segunda metade do século XIX (Nadalin, 2009a). Procedi dessa forma para distinguir o enriquecimento da listagem de nomes utilizados na comunidade, notadamente em função da continuidade da imigração, do enriquecimento cultural advindo da urbanização etc...

TABELA 1 - A PRIMEIRA GERAÇÃO DA LINHAGEM STROBEL, PROCESSOS DE NOMINAÇÃO; OS NOMES DOS NETOS DO CASAL FUNDADOR, NOMEADOS PELOS FILHOS (1877-1897).

Origem	Antigas / Medievais	Modernas	Total	
Grega, germanizada	---	01 {3%}	---	01 {3%}
Latina	02 {6%}	---	---	02 {6%}
> germanizada	---	12 {33%}	---	12 {33%}
Alto-alemã	---	18 {50%}	---	18 {50%}
Alto-escandinava, germanizada.	---	02 {6%}	---	02 {6%}
Anglo-saxônica	---	01 {3%}	---	01 {3%}
Total	02 {6%}	34 {94%}	---	36 {100%}

Fonte: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, Registros de Batismos.

TABELA 2 - A PRIMEIRA GERAÇÃO DA LINHAGEM STROBEL, PROCESSOS DE NOMINAÇÃO; OS NOMES DAS NETAS DO CASAL FUNDADOR, NOMEADOS PELOS FILHOS (1876-1902).

Hebraica (bíblica)	02 {9%}	---	---	02 {9%}
> germanizada	---	---	02 {9%}	02 {9%}
> latinizada	---	03 {14%}	---	03 {14%}
Grega, germanizada	---	---	01 {5%}	01 {5%}
Latina	---	03 {14%}	---	03 {14%}
Alto-alemã	---	06 {27%}	02 {9%}	08 {36%}
Alto-escandinava, germanizada.	---	---	01 {5%}	01 {5%}
> eslava	---	---	01 {5%}	01 {5%}
Francesa	---	---	01 {5%}	01 {5%}
Total	02 {9%}	12 {55%}	08 {36%}	22 {100%}

Fonte: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, Registros de Batismos.

Examino, agora, as crianças identificadas pelos netos do casal fundador (tabelas 3 e 4). Pelo que já foi possível indicar em outros trabalhos, a conjuntura na qual se inscreve a segunda geração (cujas balizas, como indiquei, situam-se entre os anos de 1899 e 1926) contextualiza uma fase em que começam a se definir problemas nos contatos culturais entre os imigrantes e seus descendentes e a sociedade brasileira (Magalhães, 1998: 98-112), relacionado também ao desenvolvimento de

uma classe média de origem alemã, o que contribuiu para o surgimento de uma consciência política entre os descendentes dos imigrantes (Seyferth, 1993: [9]; 2004: 191). Assim sendo, os netos e netas do casal fundador foram educados no âmbito de uma comunidade com fronteiras étnicas relativamente bem definidas.

Entre 1903 e 1914, Emil Richard, o segundo filho de Gustav Hermann Strobel, casado com Emma Koch (nascida em Joinville), batizou quatro filhos (nenhuma menina), *Eugen, Hermann, Emil, Waldemar Siegfried*, nesta ordem; Eugen, uma forma germanizada do original grego e, de igual modo, Emil, do latim Emilius. Os outros três nomes originam-se do alto-alemão. Ampliando-se o foco, e incluindo os nomes de todos os netos e sobrinhos-netos de Gustav Hermann, observa-se algo mais claro no quadro 3 do anexo, e distinto da geração anterior. A distribuição dos prenomes masculinos é um pouco maior, mas aumenta de forma expressiva a concentração de nomes genuinamente germânicos (78% nesta geração, contra 50%, na anterior – tabelas 1 e 3).

Quanto às meninas (tabela 4), receberam dos seus pais nomes muito mais variados – inclusive de origem mais „moderna” –, embora não tanto como na geração anterior (56%, contra 73%). A diferença contabilizada tem como causa a concentração maior de nomes originados da Alta Idade Média alemã (45%, contra 27% na primeira geração).

TABELA 3 – A SEGUNDA GERAÇÃO DA LINHAGEM STROBEL, PROCESSOS DE NOMINAÇÃO; OS NOMES DOS BISNETOS DO CASAL FUNDADOR, NOMEADOS PELOS NETOS (1899-1924).

Origem	Antigas / Medievais		Modernas	Total
Grega, germanizada	---	---	01 {2%}	01 {2%}
Latina	01 {2%}	---	---	01 {2%}
> germanizada	---	---	02 {4%}	02 {4%}
Alto-alemã	---	35 {74%}	---	35 {74%}
> latinizada	---	02 {4%}	---	02 {4%}
Alto-escandinava, germanizada.	---	---	01 {2%}	01 {2%}
Anglo-saxônica	---	02 {4%}	02 {4%}	04 {8%}
Inglesa/Francesa	---	---	01 {2%}	01 {2%}
Total	01 {2%}	39 {83%}	07 {15%}	47 {100%}

Fonte: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, Registros de Batismos.

TABELA 4 – A SEGUNDA GERAÇÃO DA LINHAGEM STROBEL, PROCESSOS DE NOMINAÇÃO; OS NOMES DAS BISNETAS DO CASAL FUNDADOR, NOMEADOS PELOS NETOS (1900-1926).

Origem	Antigas / Medievais	Modernas	Total
Hebraica (bíblica)	02 {6%}	---	02 {6%}
> germanizada	---	02 {6%}	02 {6%}
> latinizada	---	01 {3%}	01 {3%}
Grega	02 {6%}	---	02 {6%}
Latina	01 {3%}	---	01 {3%}
> germanizada	01 {3%}	01 {3%}	04 {11%}
Alto-alemã	---	15 {42%}	15 {42%}
> latinizada	---	01 {3%}	01 {3%}
Alto-escandinava germanizada	---	04 {11%}	04 {11%}
> eslavas	---	01 {3%}	01 {3%}
Anglo-saxônica germanizada	---	01 {3%}	01 {3%}
Outras, visigótica	---	01 {3%}	01 {3%}
> árabe	01 {3%}	---	01 {3%}
Total	07 {19%}	20 {56%}	36 {100%}

Fonte: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, Registros de Batismos.

Para a análise dos comportamentos relacionados aos bisnetos de Christian August Strobel, tive de eliminar da observação os casais que iniciaram seus ciclos matrimoniais após 1945, para não distorcer a amostra. Essa geração alcançou um período muito amplo (1926 a 1970, 44 anos, contra 27 anos na anterior e 26 anos na primeira geração), e, principalmente, muitos dos batizados „atravessam” a conjuntura perturbadora marcada pela Segunda Guerra Mundial.²³ Realizado o corte, os números concernentes estão organizados nas tabelas 5 e 6, abaixo.

De novo, verifica-se a concentração: 74% dos prenomes masculinos são oriundos da Alta Idade Média (58% com origem alta-alemã), embora se observem alguns nomes modernos (23%). Comparados aos nomes femininos, somente 19% destes são alemães antigos. Mas, por outro lado, é evidente a preocupação de os bisnetos do casal fundador escolherem nomes modernos para as meninas (56%, contra 30% de origem medieval).

²³ Todas as pesquisas que realizei apontam para rupturas importantes na etnicidade do grupo em Curitiba a partir dos anos de 1939-1945.

TABELA 5 – A TERCEIRA GERAÇÃO DA LINHAGEM STROBEL, PROCESSOS DE NOMINAÇÃO; OS NOMES DOS TRINETOS DO CASAL FUNDADOR, NOMEADOS PELOS BISNETOS (1928-1952).

Origem	Antigas / Medievais	Modernas	Total
Hebraica, germanizada	---	02 {6%}	02 {6%}
Grega, germanizada	---	01 {3%}	01 {3%}
Latina	01 {3%}	---	01 {3%}
> modernizada	---	02 {6%}	02 {6%}
Alto-alemã	---	13 {42%}	15 {48%}
> latinizada	---	05 {16%}	05 {16%}
Alto-escandinava, germanizada	---	01 {3%}	01 {3%}
Anglo-saxônica	---	03 {10%}	04 {13%}
Total	01 {3%}	23 {74%}	31 {100%}

Fonte: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, Registros de Batismos.

TABELA 6 – A TERCEIRA GERAÇÃO DA LINHAGEM STROBEL, PROCESSOS DE NOMINAÇÃO; OS NOMES DAS TRINETAS DO CASAL FUNDADOR, NOMEADOS PELOS BISNETOS (1926-1947).

Origem	Antigas / Medievais	Modernas	Total
Hebraica (bíblica)	01 {4%}	---	01 {4%}
> latinizada	---	01 {4%}	01 {4%}
Grega, germanizada	---	02 {8%}	02 {8%}
Latina	03 {11%}	---	03 {11%}
> germanizada	---	01 {4%}	01 {4%}
Alto-alemã	---	05 {19%}	05 {19%}
Alto-escandinava, germanizada	---	01 {4%}	01 {4%}
Anglo-saxônica	---	02 {8%}	03 {11%}
Francesa	---	05 {19%}	05 {19%}
Outras	---	05 {19%}	05 {19%}
Total	04 {15%}	08 {30%}	27 {100%}

Fonte: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, Registros de Batismos.

V. APONTANDO PARA O FORTALECIMENTO DE FRONTEIRAS ÉTNICAS

Uma síntese do processo de nomenclatura é observável na tabela 7, abaixo. Para sua análise, saliento o que já evidenciei em trabalhos anteriores, ao grifar o estoque imigrante no repertório de nomes utilizados no grupo (Nadalín, 2009; 2010). Destaquei esta linha na referida tabela para comparar os resultados. Chamo a atenção à tendência *assimilacionista* mostrada pela linhagem, no interior do grupo, se é fato que os nomes utilizados expressam uma diminuição da barreira cultural e(ou) étnica. No que concerne aos nomes femininos, a tendência é ainda mais evidente, mas deixo para tentar entender essa questão um pouco mais adiante.

TABELA 7 – TRÊS GERAÇÕES DA LINHAGEM STROBEL EM CURITIBA; PROCESSOS DE NOMINAÇÃO; 1877-1970 (PERCENTAGENS)

Origem	Gerações					
	1a [1876-1902]		2a [1899-1926]		3a [1926-1952]	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
Alto-alemã	50%	36%	74%	42%	58%	19%
Medieval	94%	55%	83%	56%	74%	30%
Moderna	---	36%	15%	25%	23%	56%
Estoque imigrante	97%	100%	94%	89%	71%	48%

Fonte: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, Registros de Batismos – Tabelas 1 a 6.

A mesma tabela também mostra, dando-se relevo às origens dos prenomes de batismo, os comportamentos da segunda geração: maior concentração de nomes alemães antigos, maior concentração de nomes de origem medieval (onde se concentram os nomes do alto-alemão) e menor concentração de nomes “modernos”. Portanto, em especial para os nomes masculinos, os filhos e sobrinhos de Gustav Hermann Strobel mostram, mais do que seus pais e seus filhos, atitudes conservadoras, no que se relaciona à nomenclatura dos seus filhos. A minha aposta é que isso reflete, conscientemente ou não, uma situação étnica bastante evidente, nas duas primeiras décadas do século.

Quanto às meninas, embora a tendência geral seja a mesma, a amplitude significativamente menor das percentagens organizadas na tabela 7 exige um comentário especial. Centrar a observação no sexo feminino está relacionado ao fato de que os nomes das meninas parecem ter atributos diferentes daqueles dos meninos. A partir de uma proposta metodológica de Siemens (1992: 75-77), estudei a variação

no tempo dos prenomes masculinos e femininos terminados por vogal e consoante. Partindo da hipótese de que os nomes de características germânicas terminam em consoantes (*Ernest, August, Alfred; Astrid, Ingrid, Margit, Sigrid...*)²⁴, organizei a tabela 8, com a finalidade de observar, no tempo, acréscimos de vogal nos prenomes, o que denunciaria influências da sociedade receptora (*Ernesto, Augusto, Alfredo; Astrida, Ingrida, Margita, Sigrida ...*).

TABELA 8 – NOMES DE BATISMO. FREQUÊNCIA DOS NOMES DOS MENINOS E MENINAS LUTERANOS EM CURITIBA, TERMINADOS POR CONSOANTES E VOGAIS – 1866-1987.

Período	Sexo	Frequência	Prenomes terminados por		Total
			Consoante	Vogal	
1866-1894	Meninos	N.A.	2323	125	2448
		N.R.	94,9 %	5,1 %	100,0 %
	Meninas	N.A.	98	2223	2321
		N.R.	4,2 %	95,8 %	100,0 %
1895-1919	Meninos	N.A.	2465	291	2756
		N.R.	89,4 %	10,6 %	100,0 %
	Meninas	N.A.	284	2378	2662
		N.R.	10,7 %	89,3 %	100,0 %
1920-1939	Meninos	N.A.	1452	561	2013
		N.R.	72,1 %	27,9 %	100,0 %
	Meninas	N.A.	411	1425	1836
		N.R.	22,4 %	77,6 %	100,0 %
1940-1987	Meninos	N.A.	1356	1350	2706
		N.R.	50,1 %	49,9 %	100,0 %
	Meninas	N.A.	511	2038	2549
		N.R.	20,0 %	80,0 %	100,0 %

Fonte: Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba. Registros de Batismos (Obs. N.A. – Números absolutos; N.R. – Números relativos).

No que concerne à identificação masculina, a hipótese se sustenta nos números da mencionada tabela: de uma coorte à outra, os nomes de meninos

²⁴ Eu reforço: características germânicas, não necessariamente de origem germânica. Ver, em especial, o capítulo “Marilda” e suas notas, em Fontes, 1950: 132-163.

terminados em consoante passam de 95% a 50%. Mas, no caso das meninas, a tendência é contrária, pois os prenomes femininos terminam principalmente por vogal (de 96% a 80%). De qualquer modo, a tabela denuncia um aumento relativo dos nomes femininos terminados por consoante (as percentagens duplicam cada vez que se passa de um grupo de gerações a outro).

O que ocorre é que, em primeiro lugar, nomes femininos germânicos terminados com sufixo consonantal podem também terminar por vogal. Não é o caso dos exemplos terminados em *id*²⁵ (pelo que consegui averiguar, as fórmulas *Astride(a)*, *Ingride(a)* ou *Sigride(a)* não existem). Entretanto, é o que ocorre com os prenomes terminados por consoantes como *hild* (que também pode ser prefixo), *trud* ou *gund*, que variavelmente recebem no final uma vogal, como *trude* ou *gunde*. De um modo ou de outro, são sempre originalmente nomes femininos.

Por outro lado, aparentemente a partir da influência dos francos do oeste, começou-se a generalizar nomes femininos derivados de prenomes de homens, prestando-se a “tornar conhecidos os laços de família das filhas” (Hessel, 1946 *apud* Fontes, s/d: 162), que se tornaram tão abundantes que “ameaçam sufocar os autênticos nomes alemães” (*ibid*). Ou seja, “aleijões linguísticos”, nomes que levam uma vogal no final²⁶.

Para o problema que estamos aqui analisando, acrescente-se que o repertório do estoque imigrante

não se compunha apenas de nomes de origem germânica, já que a onomástica alemã moderna caracteriza-se não só por uma tradicional influência bíblica²⁷, mas também por grande abertura para nomes de origem estrangeira – grega, latina, francesa, italiana, espanhola, inglesa e outras –, tais como: *Louis, Caesar, Guido, Henry, Nelson, Alice, Dorothea, Cecília, Charlotte, Dolores, Mercedes*”. (Mercer & Nadalin, 2008: 13)

²⁵ Significava, no alto alemão antigo, “amazona” (respectivamente, “amazona armada de lança”, “amazona de Ingo” e “amazona da vitória”) (Fontes, s/d: 158).

²⁶ *Luise, Friderike, Ulrike, Ludovika, Erika...* “Para a mudança de gênero, eram muito apreciados os numerosos nomes masculinos em **-win** – ou **-uin**; daí surgiram **Balduina, Friduwina, Edwine, Alwine, Gerwine, Malwine, Orwina**. Significando **win** “amigo”, será **wina** a “amiga”. Que nome haverá mais adequado para dar a meninas? E aqui, na evolução da língua, intrometeu-se a analogia, e passou-se a ligar este **-ina, -ine**, a outros nomes de homens e apareceram **Adolfine, Rudolfine, Leopoldine, Ernestine, Arnoldine, Wilhelmine**, se bem que todos sejam aleijões linguísticos” (Hessel, 1946 *apud* Fontes, s/d: 163).

²⁷ Os prenomes bíblicos estão entre os mais antigos elementos alógenos da onomástica germânica. Observe-se, por exemplo, Marie ou a forma latina Maria. De longe, é o prenome de batismo mais utilizado pelos luteranos em Curitiba, seja isoladamente, seja compondo combinações de nomes (entre 1866 e 1987 contabilizei 459 crianças com esse nome).

Essa característica é, no entanto, muito mais evidente no estoque de prenomes femininos, tanto em Curitiba como na própria Alemanha²⁸. De certo modo, o comportamento dos descendentes de Christian e Christine Strobel confirmam isso, mormente a partir da segunda geração.

Enfim, saliento, em resumo, que, no estoque cultural alemão, as evidências apontam para muitos nomes de meninas que são traduções de nomes masculinos (*Edwina, Edwine, Wilhelmina, Wilhelmine...*), o que se traduz pela agregação de uma vogal ao prenome. Outras assinalam raízes até mais antigas, com ou sem vogal como sufixo (saliento as já mencionadas *Astrid, Ingrid, Sigrid*, cujo sufixo *id* é interpretado como *amazona*). Análises dessas questões têm, sem dúvida, virtudes onomásticas e linguísticas (Fontes, 1950: 156-163).

Por outro lado, o tema gênero não quer calar, e faço uma observação a respeito. Refiro-me ao tradicional estatuto de inferioridade feminina que teria contribuído, no caso da linhagem Strobel, a dar liberdade aos pais de atribuir às suas filhas nomes mais originais (Schnaper, 1984: 17) e(ou) diversificados. Isso estaria de acordo com o que pensa o psicólogo: assim – evidentemente no contexto do grupo étnico:

[O]s pais agiriam implicitamente como se desejassem evitar aos meninos os reforços negativos mais importantes da parte de seus pares ou de outras pessoas. Isso poderia explicar a inadaptação social, observada às vezes entre os meninos de prenomes singulares, comparativamente às meninas. (Guéguen, 2008: 27²⁹)

Finalmente, gostaria de concluir estas considerações com uma reflexão a respeito do que os dados sugerem, relacionados a um comportamento diferenciado da “segunda geração” da linhagem Strobel. Grifo “sugerem”, uma vez que, neste ensaio, trabalhei com dados estatisticamente pouco representativos, o que permite pensar em aleatoriedades. No entanto, insisto que as atitudes apontando para um reforço étnico entre os netos do casal fundador, ao darem nomes aos seus filhos por ocasião do batismo luterano, é coerente com as manifestações de Gustav Hermann Strobel ao escrever suas memórias, mais ou menos na mesma época em que vislumbramos a nomeação dos filhos da segunda geração (Nadalin, 2009).

O memorialista tem uma especial atenção com a Alemanha, para onde viajou algumas vezes³⁰. A época constitui uma fase particularmente especial na história do imperialismo (Hobsbawm, 2005), colorido pelos movimentos “pan” e nacionalistas (Magalhães, 1998: 83-124), encaminhando, como é sabido, para

²⁸ A fonte alemã mais acessível é o sítio www.beliebte-vornamen.de.

²⁹ O autor vai, mesmo, adiante, concluindo que são os meninos que apresentam mais problemas psicológicos em função de um prenome não convencional do que as meninas (Guéguen, 2008: 91).

³⁰ Em nota, informação do tradutor, que também informa que Gustav Hermann, na sua última viagem, ficou retido na Alemanha devido à eclosão da Guerra de 1914 (Strobel, 1987: 141).

engessadas políticas de alianças que desembocaram na Guerra de 1914. Embutida na questão estava a ação das organizações nacionalistas alemãs que visavam propagar as ideias do *Deutsches Volkstum* (nacionalidade alemã) entre imigrantes germânicos (Gollwitzer, s/d: 62-63). Interessa-nos o fato de que interferia, nas relações entre os teuto-brasileiros e a sociedade brasileira, a natural simpatia que parte dos egressos de diversas regiões alemãs da Europa Central (que se agregariam no *Reich* depois de 1870), e de seus descendentes, nutriam pela propaganda dos (ultra)nacionalistas pangermânicos desenvolvida nas “colônias” alemãs. Silvio Romero³¹ acusa o problema em 1906. No sentido de uma expansão da “germanidade”:

[A] propaganda nos últimos vinte e cinco anos tem sido de uma tenacidade, como só eles sabem empregar! Os esforços despendidos são extraordinários e os resultados que vão obtendo esplêndidos.

Se a propaganda em prol do alemanismo, do famoso *Deutschtum*, é feita com tanto calor, com tanta intrepidez em países, nos quais os alemães contam apenas grupos de compatriotas esparsos e prestes a serem assimilados, que não serão em regiões, como o Brasil, onde eles acham o terreno preparado por grupos compactos, que formam colônias cheias de cidades e vilas puramente germânicas? (Romero, 1979: 240).

O autor apoiava-se numa série de textos publicados pelo *Jornal do Comércio*³² nessa virada do século. Em de 6 de janeiro de 1905, sob o título de “Alemães no Brasil”, um pequeno trecho do artigo resumia a questão que tanto o preocupava:

(...) os colonos alemães apresentam nos Estados do sul o curioso fenômeno de uma população à parte que vive sobre si, que se administra e se governa, onde domina a cultura alemã, onde o espírito alemão prevalece e é alimentado, de geração em geração, pelas condições do meio, pela prática da religião, que é exercida por sacerdotes alemães, pelo uso da língua, que é exclusivamente alemã no povo e nas únicas escolas existentes, onde o ensino é ministrado em alemão, por professores alemães, mandos vir da Europa à custa dos colonos ou subvencionados pelo governo imperial (apud Romero, 1979: 247).

A respeito, Silvio Romero ainda concluía:

(...) em nosso território mesmo, as colônias constituem verdadeiras soluções de continuidade entre as populações nacionais. São como ilhas, ou oásis no meio do que costumam chamar o deserto brasileiro. Faltam-lhes, para de todo se separarem de nós, formando um Estado à parte, duas condições apenas: uma população maior, e que essa população se espalhe a ponto de ligar entre si, mais ou menos intensamente, os diversos núcleos coloniais dos três Estados meridionais (Romero, 1979: 254).

³¹ A respeito de Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, nascido em 21 de abril de 1851 e falecido em 18 de junho de 1914 e sua atuação, ver Moraes Filho, 1979. Ver também Romero, 1979: 229-260 (O Alemanismo no sul do Brasil).

³² Jornal diário fundado em 1827 no Rio de Janeiro.

Se eram ou não reais essas preocupações do autor, ou, como se propagava, as ambições imperiais alemãs no que se referia ao Cone Sul da América Latina, o fato é que parcela da opinião pública³³ brasileira acreditava que esses e outros sinais (incentivo à emigração alemã e a propaganda pangermanista) indicavam interesses expansionistas da Alemanha, principalmente a partir dos anos de 1890 (Seyferth, 2003: 42)³⁴. Entrava-se num novo século e a situação internacional acirrava-se com a exacerbação das paixões, o que culminou com o agravamento da situação internacional e com a eclosão da Grande Guerra. Parte representativa da imprensa brasileira demonstrava há algum tempo a desconfiança em relação às intenções do *Reich*, apoiando as políticas dos países que constituiriam a *Entente Cordiale*, sendo poucos os que minimizavam o “alemanismo” no Brasil Meridional. Gustav Hermann acusava o problema:

Quando um repórter inglês ou francês, irresponsável resolve escrever sobre o chamado “Perigo alemão no Brasil”, esse assunto é comumente matéria para ser transcrita por diversos periódicos no Brasil. E se não fossem prontamente rebatidos por articulistas nacionais, de espírito arejado e bom senso, certamente pelos seus autores, que obviamente é envenenar e indispor os imigrantes alemães com os nacionais (sic). (Strobel, 1987: 138).

Assim, o *Reich* tornava-se cada vez mais onipresente nas comunidades alemãs fora da Europa – o que se encarnava pelo pangermanismo e por um nacionalismo exacerbado –, assegurando proteção aos “americanos acidentais e provisórios”. A interpretação do direito de solo vinha, evidentemente, colocar mais lenha na fogueira, articulado ao fato de que o “dom da naturalização”, num contexto em que o naturalizado não tinha os mesmos direitos do nascido no Brasil, não contribuía para amenizar o problema (Blancpain, 1994: 247). Sem dúvida, teorizar sobre isso e outras questões relacionadas era exercício costumeiro entre a *intelligentsia* que se desenvolveu nas colônias imigrantes, que advogava a manutenção de um estatuto verdadeiramente teuto-brasileiro, contestando e criticando o *jus solis* republicano³⁵.

³³ Ver, por exemplo, a posição em 1917 do Jornal *Comércio da Tarde*, de Curitiba, sobre o conceito de “teuto-brasileiro”, ameaçando a integridade do território nacional (Fabris, 2009: 30). Magalhães refere-se em especial a Graça Aranha e a Silvio Romero, representantes da intelectualidade brasileira que, na sua literatura, alertavam sobre o perigo da concentração de imigrantes alemães no Sul do Brasil, propondo, para sanar o problema e visando à miscigenação, medidas demográficas necessárias (1998: 49-61).

³⁴ Dreher observa que o *Reich* “redescobria”, no desenvolvimento de suas políticas imperialistas após Bismarck (1871) os emigrantes alemães e descendentes localizados no Além-Mar, em especial aqueles das partes mais meridionais da América do Sul: “O Sul do Brasil deverá ser substitutivo para as colônias que a Alemanha não possui” (Dreher, 1993: 127).

³⁵ A frase “nós queremos ser e permanecer homens alemães, (e) honestos e bons cidadãos brasileiros” (originalmente em alemão), mencionada no número 87 do jornal curitibano *Der Kompass* (1937), sintetizava ideia recorrente que se veiculava entre os teuto-brasileiros já no

Em síntese, agravava-se o relacionamento entre os imigrantes alemães e seus descendentes e a sociedade brasileira. Ao irromper a Grande Guerra, e no desenvolvimento do conflito, a crise tornava-se mais aguda, principalmente ao se chegar a 1917. Navios mercantes brasileiros foram afundados, e sucediam-se os *meetings*, organizados para condenar as possíveis ações alemãs (Fabris, 2009: 41-43), no quadro de pressões que se faziam para o Brasil declarar guerra à Alemanha.

Nesse contexto, as Irmãs da Divina Providência anotaram que:

[N]inguém imaginava a tormenta que estava formando devido a situação política brasileira, ocasionando o corte das relações diplomáticas entre a Alemanha e Brasil. O povo brasileiro aproveitou a ocasião para demonstrar o seu ódio o qual já estava escondido contra o povo alemão. Diversas manifestações de rua aconteceram naquele tempo principalmente na rua do Rosário, uma vez até com apedrejamento da nossa casa. Mas graças a rápida intervenção da polícia somente uma das janelas foi quebrada. Numa das classes nós achamos também uma bala de pistola a qual tinha sido atirada contra a nossa casa³⁶.

Como mencionei, o clima no início do século já traduzia, tomando emprestado um termo de Silvio Romero, um “antialemanismo”. Foi nesse ambiente que o já referido imigrante alemão em Curitiba escrevia sobre suas memórias, acima referenciadas (Strobel, 1987); revia a história contada por seus pais e sua experiência, já madura, como filho de imigrantes e como imigrante e, talvez melhor, como *teuto-brasileiro*³⁷. Enfatizando, uma situação muito especial, se focarmos o clímax assinalado pelos acontecimentos e pressões populares que contribuíram para a participação do Brasil ao lado da *Entente* na Grande Guerra, a partir de 1917. Um ambiente no qual se compreende um natural reforço da etnicidade, caracterizando a passagem do século XIX para o século XX. Problema que dá o que pensar, tendo em vista o esforço da historiografia no sentido de privilegiar as questões étnicas no período entre as duas Guerras Mundiais.

O reforço étnico numa segunda geração não cabe literalmente na Lei de Hansen que, desde 1938 quando foi proposta, tem inspirado estudos de contatos culturais relacionados à assimilação (Hansen, 1937 apud Green, 2008: 44)³⁸. De

contexto que estou analisando (*apud* Willems, 1940: 152-5).

³⁶ *Ibid.*

³⁷ “A categoria *Deutschbrasilianer* aparece na segunda metade do século passado para definir o duplo pertencimento – à etnia alemã e ao Estado brasileiro na qualidade de cidadão. (...) A comunidade étnica teuto-brasileira foi definida objetivamente por seus membros a partir do uso cotidiano da língua alemã, da preservação de usos e costumes alemães (...), da intensidade da vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico (...)” (Seyferth, 1994: 15).

³⁸ Hansen, Marcus Lee (1937), *The Problem of the Third Generation Immigrant*. Augustana Historical Society, Rock Island, Illinois. “Daquilo que o filho quer esquecer, o neto quer lembrar” (Poutignat & Streiff-Fenart, 1998: 71).

qualquer forma, parece evidente a hipótese de que a etnicidade manifesta-se a partir de um momento posterior aos primeiros contatos estabelecidos pelos imigrantes pioneiros. Na capital paranaense, isso é coerente com a continuidade da imigração, que se mantém em fluxos contínuos pelo menos até a Primeira Grande Guerra. É dessa maneira que poderíamos agregar a experiência curitibana às diversas comunidades “coloniais” instaladas no Brasil na edificação de uma ideologia étnica teuto-brasileira (*Deutschbrasilianertum*): a etnicidade constrói-se a partir de cada experiência individual associada aos contatos culturais não só de natureza interétnica, mas, de modo igual, relacionados à troca de experiências desenvolvidas com os contatos que as diversas comunidades mantinham entre si. Contatos que, inclusive, poderiam se estender até a Europa.

O que eu estou querendo naturalmente lembrar, como Michael Banton, é a ideia da articulação de duas fronteiras: de um lado, uma “*fronteira de exclusão*”, que reflete o modo como a seção mais poderosa da população define uma categoria social menos poderosa como um grupo que deve ser posto de lado”; de outro, os membros da minoria étnica distintos em diversas comunidades espalhadas principalmente no Brasil Meridional que se reconheciam dessa forma e incluíam-se numa “«*fronteira de inclusão*», refletindo o reconhecimento que os membros da minoria têm uns dos outros como pertencentes a uma unidade”³⁹. Esse reconhecimento de que pertenciam a uma mesma “colônia”, congregando várias “colônias” constituindo situações de aculturação distintas – e as conseqüentes interações –, provinha não só das migrações internas e dos contatos resultantes⁴⁰; procedia, principalmente, da migração de ideias geradas pelo produto intelectual da *intelligentsia* teuto-brasileira, salientando-se conteúdos de certos jornais e de uma literatura original veiculada nos *Kalender* (almanaques) (Seyferth, 1981: 107-124). Os autores circulavam, tanto por meio da leitura propiciada por essas publicações teuto-brasileiras quanto pela própria movimentação pelas “colônias”⁴¹. Por exemplo, o joinvillense Ernst Niemeyer, filho de um diretor da Colônia, mudou-se para Curitiba, onde deve ter produzido parte de sua numerosa obra, fruto sem dúvida dos contatos que fazia no âmbito da *fronteira de inclusão*⁴². Giralda Seyferth nota que,

³⁹ Banton, M. (1977), *The Idea of Race*. Tavistock, Londres, p. 147, apud Seyferth, 2003: 31; (sem *grifo* no original). Observo que as “*fronteiras de exclusão*” parecem corresponder, de certo modo, às “*fronteiras étnicas*” conceituadas por Fredrik Barth (1998).

⁴⁰ E, devo complementar, com os contatos resultantes da continuidade do fluxo migratório que, se de um lado podia trazer conflitos (como por exemplo, uma situação relativamente marginal dos “*alemães novos*” em relação aos descendentes dos primeiros imigrantes) também podia aglutinar novas idéias ou reforçar outras, como, por exemplo, a do *Volkstum*.

⁴¹ Ou, mesmo, por viagens que realizavam à Alemanha, como foi o caso do próprio Gustav Hermann Strobel.

⁴² “Johann Friedrich Georg Ernest Niemeyer, (...) – autor prolixo e contribuinte obstinado dos *Kalender*. (Seyferth, 2004: 160). No início da década de 1970 utilizei como fonte a pequena brochura que o autor produziu a respeito do Clube Concórdia (Niemeyer, 1934; Nadalin,

entre outros veículos em língua alemã, o jornal *Der Kompass* (1901-1939), editado na capital paranaense, era vendido, por exemplo, no Vale do Itajaí e lido, igualmente, em outras partes do Sul e em São Paulo (Seyferth, 2003: 40-41). O mesmo jornal, rotulado como expressivo pela autora, tinha simpatia, como outros, por muitas das ideias do *Deutschbrasilianertum* e, também como outros, fazia críticas às ideias nazistas do *Volksgenosse* (os teuto-brasileiros não seriam cidadãos brasileiros, mas compatriotas dos alemães); nisso contrapunha-se evidentemente ao *Volk und Heimat* (Povo e Pátria), editado pelo diretório paulista do NSDAP.

No âmbito dessas fronteiras de inclusão desenvolveu-se uma identidade étnica, ou como talvez convenha melhor ao historiador, identidades étnicas, que não constituem conjuntos intemporais, imutáveis, de traços culturais e transmitidos de uma geração a outra em cada local onde floresceu uma colônia de “alemães”. Em especial no período que nos interessa, localizado mais ou menos na segunda metade do século XIX, ações e reações foram provocadas na fricção entre o “nós”, incluídos na inclusão, e os “outros”, na exclusão, em sociedades diversas que não cessavam de se transformar. No caso em evidência, uma sociedade urbana (Lapierre, 1998: 11).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ariès, Philippe (1990), “A História das Mentalidades”, em: Jaques Le Goff, Roger Chartier & Jacques Revel, *A Nova História. Almedina*, Coimbra, pp. 455-479.
- Barth, Fredrik (1998), “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”, em: Philippe Poutignat & Jocelyne Streiff-Fenart, *Teorias da Etnicidade*, Unesp, São Paulo.
- Besnard, Philippe (1984), “De la sous-exploitation des prénoms dans la recherche sociologique”, em: Jacques Dupâquier et al., *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980* (recueil de contributions). EHESS, Paris, pp. 51-59.
- Blancpain, Jean-Pierre (1994), *Migrations et mémoire germaniques en Amérique Latine*. Presses Universitaires de Strassbourg, Strassbourg.
- Burguière, André (1984), “Prénoms e parenté”, em: Jacques Dupâquier et al., *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980* (recueil de contributions). EHESS, Paris, pp. 29-35.
- Dreher, Martin Norberto (1993), “Protestantismo de Imigração no Brasil: sua Implantação no Contexto do Projeto Liberal-Modernizador e as Consequências desse Projeto”, em: M. Dreher (org.), *Imigrações e História da Igreja no Brasil*, Santuário, Aparecida/SP.

1972). O mesmo autor, de acordo com Wilson Martins, também escreveu um livro destinado aos alemães que gostariam de emigrar para o Brasil (1989: 123 e 451) intitulado *Die Deutschen in Brasilien* (Curitiba: Imprensa Paranaense, 1926). Escreveu também “Pinienwald. Die Inselfee”, sobre a vida de imigrantes alemães no Brasil, e “Natango”, que assinou com o pseudônimo Erny (Grützmann, 2005: 319 e 328).

- Fabris, Pamela Beltramin (2009), “*Enquanto nós Dormimos o Alemão Trabalha*”: *Relações entre a Comunidade Étnica Germânica e a Sociedade Curitibana (1870-1918)*. Monografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Fontes, Henrique (s/d), *Nomes Germânicos de Pessoas*. Faculdade Catarinense de Filosofia, Florianópolis.
- Fontes, Henrique (1950), *Digressões Antroponímicas*. Edição do Autor, Florianópolis.
- Gélis, Jacques (1984), *L'arbre et le fruit. La naissance dans l'Occident moderne; XVI^e-XIX^e siècle*. Fayard, [Paris].
- Gollwitzer, Heinz (s/d), *O imperialismo Europeu, 1880-1914*. Verbo, Lisboa (original publicado em língua inglesa em 1969).
- Green, Nancy L. (2008), “Tempo e Estudo da Assimilação”, *Antropolítica*, (25): 23-47. Recuperado em 7 de julho de 2011, de http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_25.pdf.
- Grützmann, Imgart (2005), “Produção de Livros em Língua Alemã no Rio Grande do Sul: a *Südamerikanische Literatur*”, em: Isabel Cristina Arendt & Marcos Antônio Witt, *História, Cultura e Memória: 180 Anos de Imigração Alemã*, Oikos, São Leopoldo, pp. 318-336.
- Guéguen, Nicolas (2008), *Psychologie des prénoms*, Dunod, Paris.
- Guérios, Rosário Farâni Mansur (1981), *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. Ave Maria, São Paulo.
- Hobsbawm, Eric J. (2005), *A Era dos Impérios; 1875-1914* (9a ed). Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Lapierre, Jean-William (1998), “Prefácio”, em: Philippe Poutignat & Jocelyne Streiff-Fenart, *Teorias da Etnicidade*. Unesp, São Paulo.
- Machado, Cacilda da Silva (1998), *De uma Família Imigrante: Sociabilidades e Laços de Parentesco*, Aos Quatro Ventos, Curitiba.
- Magalhães, Marionilde Dias Brepohl de (1998), *O Pangermanismo e o Nazismo: a Trajetória Alemã rumo ao Brasil*, UNICAMP/FAPESP, Campinas.
- Mercer, José Luiz da Veiga & Nadalin, Sergio Odilon (2008), “Um Patrimônio Étnico: os Prenomes de Batismo” [Versão eletrônica], *Topoi*, 9(17): 12-21. Recuperado em: 30/10/2011, de http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi17/topoi_17_-_artigo2_-_um_patrim%C3%B4nio_%C3%A9tnico.pdf.
- Moraes Filho, Evaristo de (1979). “O Pensamento Político-Social de Silvio Romero”, em: Silvio Romero, *Realidades e Ilusões no Brasil: Parlamentarismo e Presidencialismo e Outros Ensaios*, Vozes, Petrópolis, pp. 29-53.
- Nadalin, Sergio Odilon (1972), *Clube Concórdia*. Clube Concórdia, Curitiba.

- Nadalin, Sergio Odilon (1974), *A Origem dos Noivos nos Registros de Casamento da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba; 1870-1969*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Nadalin, Sergio Odilon (1978), *Une paroisse germanique au Brésil; la Communauté Évangélique Luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1969*, thèse du doctorat 3^e Cycle, EHESS, Paris.
- Nadalin, Sergio Odilon (2000), *Imigrantes de origem germânica no Brasil: ciclos matrimoniais e etnicidade*, Quatro Ventos, Curitiba.
- Nadalin, Sergio Odilon (2007), “João, Hans, Johann, Johannes: Dialética dos Nomes de Batismo numa Comunidade Imigrante”, *História UNISINOS*, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 11(1): 14-27.
- Nadalin, Sergio Odilon (2009), “Um Viés Determinado pela Etnicidade: os Nomes de Batismo (Registros Paroquiais de uma Comunidade Luterana, Séculos XIX e XX)”, em: M.S.C.B. Bassanezi & T. R. Botelho (Org.), *Linhas e Entrelinhas: as Diferentes Leituras das Atas Paroquiais dos Setecentos e Oitocentos*, Veredas & Cenários, Belo Horizonte.
- Nadalin, Sergio Odilon (2010a), “Atribución de nombres de bautismo: inmigrantes alemanes, identidad étnica y construcción de um mundo simbólico (Curitiba, Brasil: 1866-1987)”, en: Joan Bestard & Manuel Pérez García (org.), *Familias, valores y representaciones. Editum (Ediciones de la Universidad de Murcia)*, Murcia, pp. 367-381 (Texto integral em português: <http://nuevomundo.revues.org/index28672.html>).
- Niemeyer, Ernest (1934), *50 Jahre Verein Deutscher Sängerbund*, Niemeyer/Tip João Haupt & Cia, Curitiba.
- Poutignat, Philippe & Streiff-Fenart, Jocelyne (1998), *Teorias da Etnicidade*, UNESP, São Paulo.
- Roche, Jean (1968), *A Colonização Alemã no Espírito Santo*, Difusão Européia do Livro/Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Romero, Silvio (1979), “O Alemanismo no Sul do Brasil”⁴³, em: Silvio Romero, *Realidades e Ilusões no Brasil: Parlamentarismo e Presidencialismo e Outros Ensaios*, Vozes, Petrópolis, pp. 229-260.
- Schnaper, Dominique (1984), “Essai de lecture sociologique”, em: J. Dupaquier *et al.* *Le prénom, mode et histoire: Les Entretiens de Malher 1980* (recueil de contributions). EHESS, Paris, pp. 13-21.
- Seyferth, Giralda (1981), *Nacionalismo e Identidade Étnica: a Ideologia Germanista e o Grupo Étnico Teuto-Brasileiro numa Comunidade do Vale do Itajaí*, Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis.

⁴³ Pelas informações que tenho, a brochura, publicada originalmente no Rio de Janeiro por Heitor Ribeiro (1906), tinha título e subtítulo: “O allemanismo no Sul do Brasil: seus perigos e meios de os conjurar”.

- Seyferth, Giralda (1994, outubro), *Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania; a Imigração Alemã e o Estado Brasileiro*, Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, 17. Recuperado em 17 de março de 2011, de http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm.
- Seyferth, Giralda (2003), “A Conflituosa História da Formação da Etnicidade Teuto-Brasileira”, em: N. A. Fiori (Org.), *Etnia e Educação: a Escola “Alemã” do Brasil e Estudos Congêneres*, Ed. da UFSC, Florianópolis; Editora Unisul, Tubarão.
- Seyferth, Giralda (2004), “A Idéia de Cultura Teuto-Brasileira: Literatura, Identidade e os Significados da Etnicidade”, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 10 (22): 149-197.
- Siemens, João Udo (1992), *Os Prenomes dos Descendentes de Alemães em Curitiba*, tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Curso de Pós-Graduação em Letras, São Paulo.
- Strobel, Gustav Hermann (1987), *Relatos de um Pioneiro da Imigração Alemã*, IHGEP, Curitiba.
- Willems, Emilio (1940), *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*, Nacional, São Paulo.
- Willems, Emilio (1980), *A Aculturação dos Alemães no Brasil. Estudo Antropológico dos Imigrantes Alemães e seus Descendentes no Brasil*, Cia. Editora Nacional, São Paulo.
- Zonabend, Françoise (1984), “Prénom et identité” em: Jacques Dupâquier et al. *Le prénom, mode et histoire. Les Entretiens de Malher 1980* (recueil de contributions). EHESS, Paris, pp. 23-27.

